



Luís Alberto de Abreu

Dramaturgo, roteirista e professor, Luís Alberto de Abreu é autor de mais de sessenta peças teatrais encenadas, entre as quais *Bella Ciao*, *A guerra santa*, *O livro de Jó* e *Um trem chamado desejo*. No Projeto Comédia Popular Brasileira, conta com 13 peças encenadas.

Em cinema, realizou, em parceria com Eliane Caffé, o roteiro dos filmes *Kenoma*; *Os narradores de Javé* e *Andar às vozes*.

Recentemente, co-roteirizou, com Luiz Fernando Carvalho, a microssérie *Hoje é dia de Maria*, veiculada pela TV Globo. Fundou a Escola Livre de Cinema, de Santo André, onde foi professor de roteiro. Organizou e coordenou o núcleo de Dramaturgia na Escola Livre de Teatro de Santo André (SP) e no Grupo Galpão, de Belo Horizonte (MG). Recebeu os prêmios Molière, Mambembe, APCA, APETESP, Panamco e Shell e teve peças encenadas na Inglaterra, Japão, Coréia e Rússia.

13 pg.

O primeiro vôo de Ícaro



Cia. Jovem Paidéia de Teatro

Direção: Amauri Falseti e Cia. Paidéia de Teatro

Elenco:

Ana Paula Alves
Anderson Dionísio
André Azevedo
Aruana Granier
Bárbara Suemy
Edilene Soares
Gustavo Gonçalves
Henrique Milagres
Lucciano Franco
Márcio Pirillo
Rodolfo Matos
Vanessa Vieira
Vitória Mattos
Viviane Andrade
Willian Gomes

Cenografia e figurino: Márcio Vinicius e Núcleo de Cenografia Paidéia

Iluminação: Rogério Modesto e André Azevedo

Música: Karin Stephanie da Clara e Rafa Barreto

Personagens

PROFESSOR MARCOS DÉDALUS

História Zilah

ZILAH
MÃE
DIONI
TRAFICANTE
VIZINHA
CHEFE
AMIGA

História Leona

LEONA
JOÃO PEDRO
MIRINHO
ZEDU
ALICE
JOEL

História Joel

JOEL
PAI
MÃE
AMIGO



E.E. David Zeiger – Grupo Estrelas de David

Direção: Lindy Barbosa Bresser

Elenco:

Ana Fábila Puente
Christynne Angels
Elaine Passo
Erika Reis
Fabrício Nascimento
Felipe Frade
Jacqueline Silva
Rosana Natalia

Concepção de figurinos, cenários, adereços e trilha sonora: Grupo Estrelas de David

Produção executiva: Sol Lima e Suevelyn Cinty

Assessoria: Victor Bresser

Palco nu. Um grupo de estudantes toma o palco dançando. É a festa de formatura de uma escola de periferia. Ao fundo, numa tela, projeta-se um desenho de Ícaro caindo no mar Egeu com o sol ao fundo. Professor entra no palco – é alguém na faixa dos cinquenta anos com uns poucos cabelos grisalhos. Ele se dirige à platéia, como numa palestra.

PROFESSOR – Contam que o engenhoso arquiteto Dédalus construiu para ele e seu filho asas de penas coladas com cera e assim fugiram do labirinto de Creta, onde foram deixados para morrer pelo rei Minos. Deslumbrado por poder voar, Ícaro cruzou a liberdade do ar e subiu cada vez mais alto na direção do sol até que a cera de suas asas derreteu e ele caiu para a morte no mar Egeu. Homens e mulheres lamentaram a imprudência do jovem, mas enquanto durou o vôo, com certeza não houve no mundo alguém mais feliz nem ninguém voou tão perto do sol. *(Projeta-se a imagem da arquitetura pesada de uma de escola do estado na periferia)* É feia, suas formas em concreto lembram uma prisão, mas aprendi a amar seus corredores frios e pesados em nome da alma e da alegria que circulavam por eles: tantos Ícaros de asas frágeis coladas com cera! *(Projeta-se a imagem de uma classe)* Sou um professor, é claro. De segundo grau, do Estado, da periferia. Dizem que um professor de verdade não deveria perder um único aluno. Eu tenho perdido alguns para a violência, para as drogas, para a desesperança. Dói, mas não conto as perdas que, de resto, são inevitáveis, prefiro contar os ganhos. *(Projeta-se uma foto de formatura de segundo grau)* Lembro-me desse grupo, dessa noite de formatura e em especial, da história de alguns deles. *(A imagem de uma garota negra se destaca na foto projetada)* Zilah.

Primeiro canto de Zilah

Grupo de atores entra cantando a balada de Zilah.

ATORES – Veio ao mundo numa noite de chuva
Combinou com a pobreza como a mão e a luva
Chorou fraco em protesto no barraco estreito
Em seu pequeno peito o ar da vida penetrou.
Com cheiro de miséria.
Um papelão por leito, um trapo por cobertor,
E ainda por resto,
Um pai com cara séria que profetizou:
Mulher, vou ser honesto
Esse caco de gente não vai vingar.

ZILAH – Mas Zilah vingou!

Aos trancos e barrancos chegou ao primeiro ano
“Ao segundo não chega”, uma vizinha decretou
Não faça planos! O doutor falou: pneumonia grave, é ave de rapina que fincou as garras



E.E. Johann Gutenberg

Direção: Luisa Toledo

Elenco:

Adriana de Paula Martins
Aline Menezes dos Santos Ribeiro
Amanda Fernandes Russo
Anna Carolina dos Santos Pinto
Ângela Tinti da Silva
Diego Xavier de Oliveira
Erivelto Damasceno Santo
Ginaldo dos Santos Silva
Grasiele Melo
Hector Michel Vallejos
Janaina de Moura Carille
Leonardo Silveira
Maicon Almeida Marques
Renan Gabriel Martins
Rosário Mamani Calle
Thalita da Silva Venites
Victor Augusto Silva Apolinário

Cenografia: o Grupo

Figurino: o Grupo

Iluminação: Luisa Toledo

Músicas/Trilha sonora: Grasiele Melo, Luisa Toledo e Wilson Canhas

O PRIMEIRO VÔO DE ÍCARO

no pulmão da menina. A fina linha da vida ameaçou arrebentar.

A menina lutou, mas pra que lutar?

A luta é vã, disse a vizinha,

Essa vida é malsã, escuta o que eu digo,

Se conforme em Deus,

Não dura uma semana,

Não dura um dia, disse o doutor, não dura até amanhã.

ATORES – Mas Zilah durou!

Não tem bom senso de cumprir as profecias

Com rebeldia afronta o futuro que lhe dão

É de opinião. E grita “não” ao amanhã sem alegria

Um dia não é nunca igual ao outro.

A vida é um sopro, é nisso que acredita.

Moça bonita, mas tem a boca dura

E não se conforma com o mundo em que está.

ZILAH – A vida é um sopro

Meu futuro há de ser leve

ATORES – Você busca o que não pode

Você quer o que não deve

Se conforma, Zilah!

Mas Zilah não se conformou!

ZILAH – Aos quinze anos amou como se ama aos quinze anos.

Um garoto, Dioni, se apresenta do outro lado do palco.

Zilah o olha e se abre num sorriso.

Dioni sorri igualmente, os dois se aproximam enquanto narram.

DIONI – Aos quinze anos o amor vaza pelos olhos por não caber dentro de nós.

ZILAH – Aos quinze anos basta um olhar, um sorriso e temos a certeza definitiva que é ele e é pra sempre e é pra tudo. Foi assim. Um olhar que atravessou a rua de terra da periferia, a cerca de varas, o quintal da casa, o coração de Dioni.

DIONI – E agitou meu sangue. Aos quinze anos a vida é só sede e todas as águas do mundo não bastam.

ZILAH – Aos quinze anos o amor é abismo e repouso; é o impossível que existe ao alcance da mão.

DIONI – Aos quinze anos aprendemos o impossível, para sempre. *(Abraçam-se com amor. Subitamente, Zilah afasta Dioni de si e vira-se de costas para ele. Dioni, perplexo) Que foi?*

ZILAH *(irritada)* – Você sabe!

DIONI – O que é que eu sei? *(Zilah se volta para ele e o encara um tempo. Dioni entende) Já lhe contaram? Esperava que entendesse.*



Núcleo de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí

Direção geral: Carlos Ribeiro

Elenco:

Alexandre Moreira Cardoso
Bernard Nascimento
Camila Cattai de Moraes
Carolina Câmara
Flávio Rodrigues
Gabriel Henrique de Alencar Cirino
Hélio de Almeida Júnior
Leticia Barros
Mateus de Medeiros
Rafaele Breves
Renata Ramos

Cenografia e adereços: Jaime Pinheiro

Figurinos: Carlos Alberto Agostinho e Erica Pedro

Música: Carlos Ribeiro e Hugo Muneratto

Iluminação: Marcos Caresia

Preparação vocal: Edmo Perandim

Maquiagem: Dalila Ribeiro

Fotografia: Dedablio

Contra-regras: Fernanda Mendes, Alba Mariela, Adriana Afonso e Gilmara Pereira

ZILAH – Não entendo!

DIONI – Porra, Zilah! Tudo o que tenho é um par de calças, um tênis rasgado e três camisas... É só um tempo...

ZILAH – Não é só um tempo, você sabe!

DIONI – Estou de saco cheio de fazer bico, de nunca ter nada! A gente não tem alternativa.

ZILAH – Tem!

DIONI – Não vou viver como meu pai perdendo a vida e a saúde em troca de salário...

ZILAH – Ele tá vivo até hoje!

DIONI – Não agoura, não chama!

ZILAH – Não tô chamando! *(Pausa. Chora)* É medo... Cai fora!

DIONI – Não dá. Na construção, na grande obra do país, é isso o que nos sobra! Gente pobre é nada, é barco que soçobra numa virada de vento. E quem não tem alento, não tem porto. A gente é peso-morto que se dobra à força do momento.

ZILAH – Não tem que se dobrar!

DIONI – O paraíso existe, Zilah, mas tá fechado pra nós, na porta um anjo-megonha armado, fuzil em riste. É triste, mas assim é o mundo.

ZILAH – Não é, não pode ser.

DIONI – Me abraça!

ZILAH – Não! Cai fora dessa!

DIONI – Não posso, você sabe. É só um tempo...

ZILAH – Não é. *(Dioni a abraça)*

DIONI – Olha a lua, faz tempo que ela não abre bonita assim. *(Olham)* A gente vive é hoje e hoje você é a água da minha sede.

Abraçam-se. Zilah narra abraçada a Dioni.

ZILAH – As casas toscas, as ruas de terra, os becos apertados e sujos ficaram lindos banhados pela lua. O frio da noite convidava ao abraço. Não recusei mesmo com uma neblina de tristeza que me caía sobre os olhos e sobre a alma.

PROFESSOR – Dizem que quinze dias depois, numa madrugada de tempestade, encontraram Dioni seminu, estendido no campinho de terra, baleado quinze vezes, com o sangue já lavado pela chuva. Desculpem a dureza da descrição, mas foi de forma dura assim que contaram para Zilah. Foi um curto vôo de peão do tráfico! Por dia, dia e dia Zilah chorou, chorou e chorou. No quarto dia respirou fundo, delicadamente dobrou e redobrou toda a extensão da tristeza, guardou e fechou tudo sem ruído na gaveta do fundo de seu coração. E foi em frente.

Segundo canto de Zilah

ZILAH – Com seu enorme olho de prata

A lua no céu mirou a cidade dividida

Em centro e periferia

E tantas histórias brutas e breves

Outras leves disputas

E no meio da luta

Zilah olha em volta de sua neblina.

É pouco mais que menina

E já lhe pesa a vida adulta.

Olhos cegos tentam devassar o escuro.

Não chore, Zilah, o dia de ontem

O dia de hoje pode iluminar o seu futuro.

Com seu enorme olho de prata

A lua no céu mirou a menina dividida.

PROFESSOR – No dia seguinte Zilah voltou ao trabalho, mas não foi por muito tempo.

CHEFE – Mandei embora mesmo! Ela é de ouro? É uma fresca sebosa! Subiu pra cima de mim, me apontou o dedo na cara, falou o que quis. Quem ela pensa que é? Balconista com ares de madame, mulher de bandido! “Rua!”, eu gritei. Vai procurar seus direitos!

ZILAH (*aponta o chefe*) – Ele chegou com conversinha mole e foi pondo a mão nos meus peitos como se fosse dono. Dona de mim sou eu! (*Chefe sai contrariado*)

MÃE – Você é muito boca dura, eu disse. Agora tá aí, na rua, como é que a gente vai viver? Essas coisas, esses homens... tem de saber levar, filha.

ZILAH – Não levo, mãe! Estou cansada, mãe, dessa pobreza sem dignidade e sem futuro.

PROFESSOR – “Prestem atenção na aula!”, um dia gritei. Eu mesmo me assustei com minha raiva, mas continuei: “Vocês não tem nada! Nem dinheiro, nem futuro e, se deixarem, vão continuar presos à miséria e à ignorância! Ninguém está interessado em vocês a não ser vocês mesmos! A única chance de vocês é o esforço do conhecimento! É impossível mudar o mundo?! Pois vocês vão ter de buscar o impossível, pois todas as coisas possíveis já têm dono e não são de vocês!”

ZILAH – Lembro bem desse esporro que o professor Dédalus deu na classe. Falou, gritou, bateu boca e saiu da sala dizendo que ia abandonar a escola pública. No outro dia voltou.

PROFESSOR – Alguém acredita em carma? Que os destinos se misturam como o meu está misturado com o destino desses meninos? Pois pode começar a acreditar.

TRAFICANTE – Vocês não me conhecem, então me apresento: nessa zona aqui mando eu e desde quando ela era ainda garota do Dioni eu tinha um olho esticado pra ela. A menina formou bem, bonita, corpo gostoso, olho de gata brava, gosto disso. Mandei entregar cordão de prata, mandei anel de ouro, não aceitou, mas ela tá na minha lista. Escreve o

que digo, não demora e ela vem de quatro, mansinha, mansinha, comer na minha mãe De um jeito ou de outro ela vem.

VIZINHA – Sou vizinha e o que digo aqui digo também pra ela, cara a cara: Zilah não tem bom senso! Quer ser diferente, parece coisa que tem vergonha de ser como a gente Pensa que é dona do mundo!

MÃE – Não é isso, dona Cida, eu falava!

VIZINHA – “É!”, eu respondia. “Sua filha foi criada com muito mimo e agora que a senhora tá doente, fica aí, sem fazer nada.”

MÃE – Não arruma emprego.

VIZINHA – Boca dura do jeito que é! Ela busca o que não pode, quer ser o que não deve Não sei onde ela vai parar!

MÃE – E assim foi. O mês de abril correu sem muita chuva abrindo as flores do pezinho de manacá que eu tinha plantado numa lata no fundo do quintalzinho e esperei por ver minha flor de maio que fazia inveja aos vizinhos, no vaso pendurado na parede ser reboco. O inverno foi frio e começou a cobrar de mim os anos de tristeza e trabalho bruto. As juntas doíam e meu coração começou a soprar sem força. Pressenti que se visse a primavera, com certeza não alcançaria o verão.

ZILAH – A perda. As malditas palavras não dão conta daquilo que a gente não entende, por isso não tento explicar. Só digo que meus olhos se arregalaram, depois se afogaram em muito, muito choro enquanto eu aprendia uma nova dor.

MÃE – Da cama onde eu estava, chamei ela e contei um desejo guardado durante a vida “Zilah”, eu disse, “eu queria um enterro bonito, caixão de boa madeira lavrada e borrn verniz, forrado de cetim e flores, muitas flores”...

ZILAH – Prometi dar esse gosto. Então, a tristeza, a perda e o abandono bateram à porta naquele instante e entraram como estranhos e calados visitantes que se sentam em nossa casa sem data para partir. A vida é um pequeno fio, mas se rompe com uivos, estrondos e, depois, silêncios. Foi assim para mim.

Traficante, sorridente, entra em cena com duas cadeiras que dispõe uma frente a outra. Senta-se, contente.

TRAFICANTE – As notícias correm e um enterro desses custa caro. Soube que ela subiu e desceu atrás da grana. Vai chegar em mim. (*Zilah entra*) Ela não veio com os olhos baixos, humildes, ao contrário do que eu esperava. “Meus sentimentos”, eu disse.

ZILAH – Não respondi de pronto. Olhei para aquele homem e percebi que estava cansada, muito cansada.

VIZINHA – Vi quando ela entrou. Com a desculpa da ajuda para o enterro, ela se entrega ao bandido.

ZILAH – “Enterro minha mãe e me cubro com blusas de seda e tecido de mim com perfume e roupa de grife e me deito em lençol de cetim e não me importo com quem se deita sobre mim!”, gritei pra mim mesma. Cansei de minha pobreza indigna!

TRAFICANTE – Olhei como quem toma posse e sorri como quem vislumbra o prazer e o

calor da pele nua.

ZILAH – Fui em direção a ele como quem sabe o que faz. Cansei de minha pobreza indigna!

VIZINHA – Não preciso nem ver para saber o que está acontecendo lá dentro. Desavergonhada como ela é... No dia da morte da mãe!

TRAFICANTE – Ela veio mansa, sorri.

ZILAH – Fui sem receio e sem remorso antecipado. “Não me importo com quem se deita sobre mim”, gritei de novo para mim.

TRAFICANTE – Tenho o que quero.

ZILAH – Parei e dei ordem pra minha boca sorrir, ela sorriu. “Enterre minha mãe como ela queria, amanhã eu volto e seja o que você quiser!”, eu quis dizer, mas a voz se recusou.

TRAFICANTE – E o que não tenho mando buscar.

ZILAH – Cansei de minha pobreza indigna, repeti, mas um eco profundo, uma vibração frágil agitou de leve o ar de que é feito o tecido da alma. E soprou “não” em meus ouvidos.

VIZINHA – Já está saindo? Mas nem bem entrou!

TRAFICANTE – Onde você vai? Quem você pensa que é? Você ainda vai me procurar, vagabunda! Vai voltar de Joelho, pedindo minha ajuda pelo amor de Deus!

VIZINHA – Mas é louca? Rejeitando um homem como ele! Você não tem senso, Zilah! E o enterro de sua mãe, filha ingrata?

*As pessoas formam um semicírculo em volta do que seria o corpo num velório.
Tartamudeiam uma oração. Entra Zilah.*

ZILAH – Na mochila pus minhas duas mudas de roupa e meus livros de escola, “o que era muito pouco para começar a vida”, pensei. Debrucei sobre o corpo de minha mãe e meus olhos estavam secos e minha boca permaneceu calada. Só minha alma chorou, amou, agradeceu, sorriu e se despediu. Essa foi minha oração. Não suportei mais e saí dali para espanto e recriminação das pessoas que lotavam o pequeno quarto.

VIZINHA – Saiu como o vento, nem esperou o enterro da mãe. Isso é filha?!

AMIGA – Cruzou a rua de terra com os olhos secos e os ouvidos surdos a comentários e olhares duros. Ao passar por mim, fez um aceno, leve sorriso e afastou-se com o passo firme de quem sabe aonde vai.

ZILAH – Que os mortos enterrem seus mortos, pensei com a dureza da alma. Eu sei que minha mãe vive e, às vezes, sua boa voz sopra nos meus ouvidos.

Terceiro canto de Zilah

ATORES – Lá vai Zilah, ela não tem senso,
E seu imenso futuro quem vai guiar?
Olha só o que lhe digo,

Caminho que ela passar
Ali mora o perigo
Ela busca o que não pode
Ela quer o que não deve
A vida não vai ser leve
Olha só o que lhe digo.

Tem dezessete anos
É mulher, mal saiu do ovo
Quem ela pensa que é?
O mundo já está feito
Pra que construir de novo?
Ela não aceita as coisas como são
Não sabe onde é seu lugar
Quem lhe chamará à razão
Quando desnortear
Quem vai lhe guiar
Em seu futuro imenso
Zilah tem pouco senso
É a melhor definição
Tudo nela é imprevisto
Pois prefere sempre o risco
De ouvir seu próprio coração!

*Surge no telão novamente a imagem da formatura. Uma música bem romântica e brega se ouve e logo uma garota gordinha entra cantando.
Ela canta com paixão exagerada o que leva ao riso seus companheiros de formatura.
Ela termina de cantar e os alunos aplaudem e riem.
Ela agarra um dos alunos e, praticamente, o arrasta para um canto.*

LEONA – João Pedro, essa música eu cantei pra você.

JOÃO PEDRO – Por quê?

LEONA – Como, por quê? É claro, não é?

JOÃO PEDRO – É claro o quê, Leona?

LEONA – Ah, João Pedro! Não se faça de difícil, bem você que tem fama de galinha! (Num arroubo) Fica comigo! Por você posso virar até uma perdida!

JOÃO PEDRO – O quê?

LEONA – Não, também não é assim! “Perdida” é só modo de dizer porque também não sou como essas... se bem às vezes eu queria ser... só um pouquinho... Me beija!

JOÃO PEDRO – Como?

LEONA – Beijo! Ósculo! Lábio contra lábio, delicada e curta penetração da língua, leve movimento de sucção, simples assim! Kiss! Kiss! Kiss! (*João Pedro cai na gargalhada. após um segundo de espanto, Leona gargalha ainda mais e depois se afasta. Furiosa e ressentida*) Besta! Idiota! Esses meninos não fazem nada direito! (*Enxuga uma lágrima*) Droga! (*Narra*) Tem alguma coisa errada comigo, tenho 17 anos e... ainda nada, nem uma paixão! Até a Carlucha que é uma tonta bizarra, bem piorzinha que eu, anda pra cima e pra baixo com o André. Dizem até que já deu! Eu não! Oportunidade não falta, os carinha, assim ó, dando em cima, mas... Ufa! Que cansaço de mim mesma!

PROFESSOR – Leona é uma lembrança risonha, pois era uma alma risonha. “O coração, de tão cheio, vasa pelos olhos”, escreveu uma vez numa redação. Ela era assim, gostava de escrever e queria a todo custo se apaixonar por uma idéia, por um trabalho, por alguém. (*Professor lê um papel*) Professor Marcos Dédalus. (*Desdobra o bilhete*) É para mim.

LEONA – Professor, não sei como dizer, por isso jogo toda a delicadeza do que sinto de forma bruta para que penetre como faca e se prenda como dedos de nuvem à sua alma: eu te amo.

PROFESSOR – Querida Leona, mais do que eu, você ama as palavras e a capacidade que elas têm de traduzir os redemoinhos, corredeiras e remansos da sua alma. Marcos Dédalus. Amou-me para sempre... por uma semana. (*Olha novamente para a foto de formatura*) Lembro-me de cada um deles. Cris, Téio, William, Paula, Dafé... Tantos que abriam as asas e se lançavam com coragem ao ar só pelo prazer de desafiar a gravidade. Penso que ser adolescente é isso: risco e coragem. A noite de formatura começava ansiosa, tensa, como um dia importante. (*Olha para os bastidores e aponta a tímida entrada de Mirinho*) Ali vem o Mirinho. (*Entra um garoto muito tímido, com passos hesitantes*) Ele vai ter uma função importante nesta história.

LEONA – Mirinho! Que bom que você veio! Você fica comigo? (*Mirinho se aproxima*) Falei “fica comigo”, mas não é ficar de dar malho, não, é só ficar do lado, aí, sem fazer nada, companhia... Você gosta de alguém, Mirinho?

MIRINHO (*dá de ombros*) – Gosto...

LEONA – Mas gosta de paixão, de comer, beber, dormir e cuspir pensando na pessoa?

MIRINHO – É...

LEONA – Até você, Mirinho!? Será que só eu não tenho onde amarrar meu jegue?

MIRINHO – Mas a pessoa nem percebe.

LEONA – Acho que sou esquisita igual você.

MIRINHO – Não sou esquisito!

LEONA – Eu sei, só falei porque você é meu amigo, não queria ser a única esquisita. Zedu!

MIRINHO – Que é?

LEONA – Zedu.

MIRINHO – Que é que tem o Zedu?

LEONA – É gente fina.

MIRINHO – Você tá gostando dele?

LEONA – Ainda vou gostar! Ele é tudo de bom! Alto, bonito, gostoso...

MIRINHO (*despeitado*) – É tudo isso?

LEONA – Pra mim, é. Um menino desses é metade de mau caminho andado! A outra metade eu faço sozinha!

MIRINHO (*irritado*) – Vou dar um rolê!

LEONA – Não, fica aí!

MIRINHO – Então, muda o papo! Você só fala de carinha que você quer ficar, namorar! João Pedro, o Dédalus, o Zedu...

LEONA – Peraí! Assim fica parecendo que eu sou a maior galinha. Com o João Pedro era só ficar. Com o professor Dédalus era... sei lá o que era aquilo! Com o Zedu é... também não sei o que é... Ele tem tudo pra alguém se apaixonar por ele só que, não sei... tem alguma coisa errada comigo, não consigo... mas vô conseguir porque é um desses que eu quero pra mim! Sabe como comecei a querer gostar dele? Foi por causa de uma carta.

MIRINHO – Uma carta?

LEONA – Uma carta linda que ele escreveu. Um carinha que escreve uma carta como aquela, com tanta ternura...

MIRINHO – E o Zedu sabe lá escrever?

LEONA – Claro que sabe! (*Apaixonada*) E como! Tenho uma carta dele comigo. Uma não, duas!

Mirinho a olha incrédulo.

MIRINHO – Que cartas são essas?

LEONA – Cartas de amor!

MIRINHO – Como você conseguiu? (*começa a tocar música romântica do baile*) Não interessa, vamos dançar!

MIRINHO – Não sei dançar! (*Leona já arrasta Mirinho que a contragosto começa a dançar com outros formandos*)

PROFESSOR – Foi uma festa simples de formatura, sem pompa, sem luxo, de escola pobre, mas ali estava o principal de toda formatura: a alma aberta, ansiosa e temerosa dos novos caminhos.

Aos poucos, a música, uma música romântica qualquer, transforma-se no canto da separação. Todos cantam e a coreografia transforma-se em abraços, ajuntamentos e separação.

Canto da separação

Quantos de nós

Quantos de nós

Ficarão juntos

Eu me pergunto

Desejo pede
 Juntos pra sempre
 Mas o tempo
 Vai nos separar, eu sei.
 O amanhã traz
 Uma outra cidade
 Outro namorado
 Uma outra escola distante
 Vamos ficar juntos
 Eu desejo
 Mas me pergunto
 O trabalho
 Um novo rumo
 Telefone, escreva,
 Nos falamos
 Não vamos nos perder
 De nós.
 Não vamos nos esquecer
 Tô jurado,
 Vamos ficar juntos
 Vou chorar
 Essa foi a melhor turma
 Que essa noite não acabe
 Que não venha
 O amanhã com outra cidade
 Um trabalho distante
 Um tempo sem tempo
 Vamos ficar juntos
 Para sempre.

Quando o canto está chegando ao fim Mirinho se destaca do grupo junto com um outro rapaz, Zedu. Mirinho estende a carta a Zedu. Ao mesmo tempo Leona se destaca do grupo que lentamente se movimenta, todos abraçados. Leona enxuga as lágrimas. Desdobra uma carta e narra ao público.

LEONA – Preciso falar com o Zedu. Ouvi dizer que ele e a família vão mudar para o interior. É agora ou nunca! Mesmo que ele não queira nada comigo pelo menos ele fica sabendo que vai deixar aqui alguém que está apaixonada por ele. (Lê) “Perdoe a ousadia de lhe escrever, mas quem me traz até você é o meu coração. Ele não sabe da minha timidez, nem gagueja como minha boca quando lhe falo, nem treme como minhas pernas quando

me aproximo de você. Ele não conhece limites e me arrasta nos caminhos que trilho. Ele me diz: vem! E eu confio e deixo me guiar por ele. Ele me trouxe até você. Por e e por mim eu lhe peço: acolha com carinho o meu coração. Zedu” Ele escreveu, não é lindo? Não é de se apaixonar? É tão linda que não tem nem importância que não foi escrita pra mim!

ZEDU – Você trouxe?

MIRINHO – Trouxe, mas não sei se vou lhe dar.

ZEDU – Por quê, cara?

MIRINHO – Porque acho que vou precisar dela.

ZEDU – Não faz isso comigo, tem de ser hoje! Olha lá! A Alice vai acabar parando na d
 Joel! Faz um tempão que estão bebendo,

MIRINHO – O Joel não tem nada com a Alice.

ZEDU – Mas pode começar a ter! Passa pra cá!

MIRINHO – Não sei, não sei mesmo, Zedu!

O grupo continua a dançar abrindo a roda e tomando o espaço do palco.

ALICE – No que você está pensando?

JOEL – Nada.

ALICE – Então vê se fica alegre senão eu troco de par!

JOEL – Não, pode deixar! Estava pensando o quanto família é difícil... mas deixa pra lá. Que você vai fazer depois?

ALICE – Queria fazer faculdade, mas não ganho pra isso.

JOEL – Vou tentar a USP.

ALICE – Sem cursinho?

JOEL – Que jeito! Rachei o coco de estudar! (Tempo) Dá um peso no coração... Essa turma...

ALICE (soluçando) – Não começa, não! De novo, não! Não quero pensar! (Grita) Vamos por uma música mais animada porque eu não quero chorar!

A música torna-se frenética e os adolescentes dançam separados ao som do ritmo. Todos, menos Joel, que permanece parado, pasmo, acompanhando com o olhar um casal que entra. O volume da música abaixa, mas os formandos continuam dançando como se não tivesse havido alteração.

JOEL – Pai! Mãe! O que vocês estão fazendo aqui?

PAI – Oi, filho!

MÃE – Só passamos pra ver se você estava se divertindo!

JOEL – Eu estava, até vocês chegarem!

MÃE – Não fale assim com a gente.

JOEL – Vocês não tinham nada que estar aqui! Deixem que eu viva a minha vida!

MÃE – Está bem, Joel, estamos indo... Desculpa atrapalhar. Vamos esperar você em casa. Não volte tarde...

JOEL – Não! Eu não vou voltar para casa!

PAI – E vai para onde?

JOEL – Não interessa! Me deixem em paz, merda!

Sai furioso. O pai, irritado, faz menção de ir atrás do garoto mas é contido pela mãe. Os dois, após um segundo de pasmo, saem lentamente.

PROFESSOR – Joel é um adolescente-problema segundo seus pais.

A mãe, que ia se afastando retorna.

MÃE – Oh, meu Deus, era um menino tão bom, tão meigo... É a idade.

PAI – É falta de disciplina, eu sempre disse!

PROFESSOR – Agora não, por favor. Vamos deixar a história de Joel pra depois. *(Indica a saída)*
Por favor... *(a um gesto do professor retorna Leona)* A carta.

LEONA – Ah, a carta! Ele escreveu para a Alice e eu achei perdida no pátio. Não devolvi primeiro porque a Alice é uma chata. E depois porque quem devia receber uma carta dessa era eu! Então fiquei com ela, me dei de presente! Tô errada?

ZEDU – Me dá, Mirinho!

MIRINHO – Sabe o que é, Zedu? É que o que tá escrito aqui é o que eu sinto também.

ZEDU – Pela Alice? Sai dessa, cara! Eu te cubro de porrada! Tô parado na da Alice faz tempo e você sabe disso!

MIRINHO – Que mané Alice! É outra pessoa!

ZEDU – Quem?

MIRINHO – Não interessa!

ZEDU – Arruma outra carta, essa é minha!

MIRINHO – Que sua! Fui eu que escrevi! Pô, quem mandou você perder as outras duas?

LEONA – Não sei, mas acho que vou chegar e me declarar ao Zedu, assim, na lata! Se ele não quiser eu do risada ou choro, sei lá, mas pelo menos acaba essa ansia! Cadê o Mirinho?

MIRINHO – É... É só chegar lá e dizer, mas quem é que faz isso? É esquisito gostar... Que raiva eu estou dela!

ZEDU – O que você está falando, cara? Dela quem?

MIRINHO – De ninguém!

ZEDU – Dá a carta, vai. Hoje é minha última chance.

MIRINHO – Não, Zedu, vou fazer melhor. Vou fazer essa carta chegar nas mãos de quem deve.

PROFESSOR – O que é um baile de formatura como este? Na aparência é música alta, alegria, animação. Mas pouco se percebe da apreensão, da expectativa e dos desejos que pulsam com cada coração. Principalmente da metade para o fim do baile. É o momento arriscado de fechar ou abrir um novo ciclo de vida.

LEONA – Mirinho! Onde você se enfiou? Você vai me fazer um enorme favor: entrega um bilhete meu para o Zedu?

MIRINHO – Nem morto!

LEONA – Por quê, não?

MIRINHO – Porque não quero, não tô afim, tá legal? Tô com o saco cheio de ouvir vc falar no Zedu!

LEONA – Também não precisa responder assim! Seu grosso! *(Mirinho se afasta)* Onde é q você vai?

MIRINHO – Você viu a Alice?

LEONA – Não, porque?

MIRINHO – Tenho uma carta pra ela.

LEONA – De quem? Do Zedu?

MIRINHO – *(fingindo-se inocente)* É.

LEONA – Deixa ver. Deixa ler só um pedaço. *(Mirinho afasta-se. Leona fica aflita)* Mirinho não vai! *(Mirinho pára fazendo-se surpreso)* Vem aqui, por favor! Não entregue a carta! S você é meu amigo, não entrega.

MIRINHO – Sou amigo do Zedu também, tenho de entregar!

LEONA – Por favor! *(Senta-se e começa a chorar. Mirinho fica sem jeito e depois se senta também)* Leona tira as cartas da bolsa e entrega a Mirinho) São as cartas do Zedu pra Alice. Uma eu achei, a outra eu peguei de dentro do caderno dele.

MIRINHO – Você roubou!?

LEONA *(meio ofendida)* – Roubei não, interceptei! Sei que não está certo, mas quando se está apaixonada...

MIRINHO – Você está mesmo apaixonada por ele?

LEONA – Sei lá, Mirinho... Não sei... mas quero ficar, posso ficar, vou ficar! Por isso que você não pode entregar essa carta para a Alice.

MIRINHO – E o Zedu sabe?

LEONA – Não... por isso eu queria que você levasse um bilhete meu.

MIRINHO – Não vou nem quero me meter nessa sua confusão, Leona. O Zedu é vidrado na Alice e você não tinha o direito de fazer o que fez.

LEONA – Você não sabe o que é acordar uma manhã e, sem aviso, sentir o coração se apertar até doer e você dizer a si mesma: amo, quero amar! Mas a quem? Quem no meio de tantas pessoas é aquela que vai se abrir pra receber com dedos de seda a coisa preciosa que naquela manhã, ao acordar, você achou no fundo da alma. Como saber quem melhor acolhe, quem merece esse meu primeiro amor? Sabe o que é isso?

MIRINHO – Sei. *(Abre o envelope e tira a carta. Lê num crescendo de intensidade)* Recebe com carinho essas palavras. Procurei cada uma delas como quem procurasse uma pedradiamante, vasculhei cada rio que deságua no meu coração e escolhi as mais brilhantes, as mais exatas. Elas têm a coragem que não tenho, elas pedem licença por mim, elas chegam onde eu não sei se posso chegar, elas levam minha voz que sopra eu te amo em seus ouvidos.

LEONA *(alucinada sapateia com os pés ao chão)* – Ah!, mas não é lindo?! Ai, Zedu! Quem é que pode não amar alguém que escreve isso! *(Mirinho levanta-se irritado)*

MIRINHO – Você não percebe nada!

LEONA – Que é que foi?

MIRINHO – Você não enxerga nada mesmo! Fui eu que escrevi essas cartas! Eu!

LEONA – Você?

MIRINHO – É! O Zedu sabe lá escrever? Com um copo ele é capaz de escrever um “o” errado!

LEONA – Você está é com inveja do Zedu!

MIRINHO – Vai ver as notas de português dele! Ele me pediu para escrever!

LEONA – Mas... por que é que você está tão irritado? *(Olham-se um tempo. Leona imagina compreender. Logo começa a rir)* Não, Mirinho, você não! Desculpe, mas é que... Você não é alguém...

MIRINHO *(cortando, ressentido)* – ...pelo qual você se apaixonaria!

LEONA – A gente é amigo...

MIRINHO – Está bem. Dá as outras cartas pra eu entregar para a Alice.

LEONA – Você não vai fazer isso...

Mirinho coloca a terceira carta na mão dela.

MIRINHO – Então você entrega. Aproveita e entrega esta também. Vou avisar a Alice que você tem três cartas para ela.

Sai. Leona o chama e faz menção de ir atrás dele.

LEONA – Mirinho!

A música se torna mais alta. Casais de formandos dançando a envolvem. Quando os casais, sempre dançando, se afastam Leona, só no palco, canta.

LEONA – Quem governa o coração?

Quem diz não quando ele

Insiste no sim?

Quem me fez assim?

Que caminho, que chamado

Devo atender?

Não tenho olhos pra ver

O amor que sopra

Dentro da escuridão

De quem será a mão

Que irá tocar

A leve luz que inunda

Meu coração?

Interrompe o canto. A música continua. Leona segura as cartas e caminha em direção a Alice que dança com Joel.

LEONA – Alice!

Alice se separa de Joel e vai em direção a Alice.

ALICE – Que foi, Leona?

LEONA *(sem coragem de entregar as cartas)* – Nada... é que eu queria que você me desculpasse qualquer coisa... A gente nunca teve muita amizade, mas queria te dizer que te admiro.

ALICE – Obrigada. Eu também te admiro.

LEONA – Tudo de bom pra você.

ALICE – Tudo de bom.

LEONA *(vai sair, mas percebe o olhar de Mirinho em cima dela. Volta-se para Alice, em lágrimas)* – Essas cartas são suas. São de alguém que gosta muito de você. Desculpa. *(Entrega as cartas. Retoma o canto)*

LEONA – Quem governa o coração

É o amor, a tristeza ou a solidão!

Leona e Alice saem. Os casais continuam dançando e Joel, com um gesto de irritação vê sua mãe entrar novamente no palco.

MÃE – Filho! *(Joel sai)* Joel! *(Ao público)* Os filhos crescem e tantos caminhos desconhecidos que têm o mundo se abrem e atraem... Tantos perigos... Ser mãe é aprender uma nova forma de medo.

PROFESSOR – Aviso que essa é uma história estranha, que muita gente duvida que tenha de fato acontecido. Eu não. Eu creio em cada acontecimento, em cada palavra dela porque é lei que algumas histórias têm de ser inventadas para serem verdadeiras. De algum tempo para cá os conflitos cresceram muito na família de Joel.

PAI – Na rua até essa hora! Vou ter uma conversa séria com ele, de uma vez por todas!

MÃE – Vai com calma, por favor!

PAI – Calma tenho tido esse tempo todo! Faz o que quer, não diz onde vai nem a que horas chega, entra e sai como se fosse um estranho nessa casa! Pior, como se nós fôssemos estranhos!

MÃE – Calma! Ele vem chegando.

Entra Joel.

PAI – Muito bem, rapaz! Chegou a hora de termos uma conversinha!

Joel percebe a presença dos pais e reage com desespero.

JOEL – Ah, meu Deus! Eu vou enlouquecer!

PAI – Pode enlouquecer, mas antes vai falar comigo!

JOEL – Eu não tenho nada a falar com vocês!

MÃE *(tentando temporizar)* – Está bem, filho... Outra hora...

PAI – Você não tem, mas eu tenho a falar. E muito!

JOEL – Eu não vou ouvir!

Sai pisando duro.

PAI – Volta aqui, rapazinho!

Vai atrás de Joel, mas é contido pela mulher.

MÃE – Deixa... Outra hora!

PAI (*grita para fora, para ser ouvido por Joel*) – Esse menino, está na hora de se tornar homem!

Joel volta furioso.

JOEL – Então me deixa seguir meu caminho!

PAI – Ser homem, pra você, é fazer o que quer? É ficar pra cima e pra baixo, vagabundeando, com quem a gente não conhece? Na sua idade...

JOEL – O senhor não tem minha idade nem eu a sua!

MÃE – É pelo seu bem...

JOEL – Que meu bem, mãe!

PAI – Acabou! De hoje em diante, dentro dessa casa, você vai fazer o que eu quero! Dentro dessa casa mando eu!

JOEL – Então, eu saio! Eu não agüento mais!

MÃE – Por favor...

PAI – Quem não agüenta mais sou eu! (*Joel sai. O pai, para si*) Trabalho feito um cão, dez, doze horas por dia, não mereço isso, não mereço isso!

MÃE – É a fase... as companhias...

PAI – Sei lá... a gente está tocando a vida, o tempo passa e, um dia, sem que a gente perceba, os filhos cresceram, ficaram distantes... Você lembra como eu era com ele? Unha e carne. Hoje eu não sei o que falar com ele, como falar e ele não quer ouvir. Eu não entendo como é que essas coisas acabam acontecendo...

MÃE – Vou falar com ele. Lugar dele é aqui em casa.

Mãe sai.

PROFESSOR – No dia da formatura eu e Joel trocamos algumas palavras, ele parecia um pouco tenso, fechado dentro de si. “Tudo bem, Joel?” Ele respondeu: “Tudo!”

AMIGO – Chega aí, cara! Beleza? Cumprimentei logo que o vi. Percebi logo que nada estava bem quando Joel passou lá em casa depois do baile de formatura. “Vamos trocar umas idéias”, intimou. Eu que sou amigo leal, fui. Avisei a velha e saímos pra noite. A lua estava alta, bonita mesmo, e batemos perna até de madrugada. Ele só falava em saltar fora, cair no mundo, deixar casa, idéia fixa. Ofereci asilo: “fica lá em casa uns dias, eu ajeto”. Agradeceu, se afastou e foi virando sombra na noite... Estava meio desnordeado.

JOEL – Subi e desci minha rua umas três vezes sem me decidir a entrar. Eu sabia o que ia dizer, sabia o que devia fazer, mas nessas horas sempre falta coragem. Parei, respirei fundo, abri a porta e entrei: eles estavam lá.

MÃE – Ele entrou. Não sei por que, mas tive medo quando vi meu filho entrar. Meu coração me avisou que seria a última vez que eu iria vê-lo. Recusei acreditar.

JOEL – “Endurece, Joel! Faz o que tem de ser feito!”, encorajei a mim mesmo, mas levantei o olhar para o rosto duro do meu pai... e desviei os olhos para a expressão frágil de minha mãe e perdi toda coragem juntada. Senti raiva de meus olhos que se encheram d’água.

MÃE – Eu e seu pai estamos preocupados...

JOEL – Não fala nada, mãe!

PAI (*tentando se conter*) – Não fala assim com sua mãe!

MÃE – Não vamos brigar de novo. Só queremos conversar, filho...

PAI – A vida não é fácil, filho! Você precisa se preparar para o mundo, ter uma profissão, uma carreira...

MÃE – Escuta seu pai! Você não se cuida... Essas amizades... Você não pára em casa!

PAI – Queremos o melhor e... não faz essa cara, garoto! Temos o direito...

JOEL – Vocês não tem direito nenhum! E não me chame de garoto!

PAI – Chamo, moleque! E não levante a voz comigo! Temos todo o direito! Conquistamos esse direito durante anos com trabalho, com zelo, com preocupação e noites mal-dormidas... Temos todo o direito!

JOEL – Eu não agüento mais!

PAI – Quem não agüenta mais somos nós! É sua mãe que se preocupa e chora sem saber onde você anda!

JOEL – É a minha vida, pai!

MÃE (*aos prantos*) – É a nossa vida! Ainda somos uma família!

PAI (*investe contra Joel*) – De hoje em diante, garoto! (*Joel interrompe, aos gritos*)

JOEL – Pai! Mãe! Vocês estão mortos! (*Silêncio. Pai e mãe se entreolham, sentem-se perdidos*) Lembram? Eu só soube no dia seguinte. “A noite estava escura / muita neblina / bateram / quinze carros num engavetamento / seus pais / eles morreram, Joel!” Foi assim, nessa forma truncada pelo desespero, que a tia Alzira me contou.

MÃE – Que você está dizendo, filho?

PAI (*após um momento, cai em si*) – Deixa, mulher...

MÃE – Como deixa? Eles diz uma coisa dessas e...? (*pausa. Mãe olha Joel e volta a olhar o marido. Ele confirma com um aceno de cabeça. A mãe recusa a verdade num sopro de voz*) Não...

O pai a abraça.

JOEL – Vocês precisam me deixar em paz!

MÃE – Mas, filho...

JOEL – É a minha vida, mãe! Como posso viver com sua cobrança diária, com seu olhar que me segue para onde vou...

MÃE – É amor...

JOEL – Sufoca, mãe, sufoca! E sua expressão feroz, pai, quando não cumpro suas expectativas... Por isso vou embora dessa casa. Pra viver, preciso esquecer seu olhar duro, pai, e me afastar de sua expressão amorosa e desolada, mãe.

MÃE – (ao público) Mais do que a morte o que dói é a separação, meu coração sussurrou. Mas o amor é também feito de durezas, respondi. E com esforço calei meu coração e com esforço consegui sorrir. (a Joel) Fica, filho. Eu e seu pai vamos embora. (Juntam-se abraçados e permanecem parados um tempo olhando Joel. Começam a andar lentamente para trás) O desejo é ter você abraçado a meu peito num tempo que não se conta...

PAI – Se cuida, filho. Não se esqueça de nós.

Páram. A mãe estende os braços em direção a Joel. O marido a envolve abraçando-a e os dois se dirigem à saída. No limiar do palco a mãe ainda se volta, sorri e sai. A luz cai.

Epílogo

Leona e Mirinho entram com cadeiras e se sentam de costas nas extremidades opostas do palco. Ao mesmo tempo os casais de formandos dançando tomam o palco. Cantam.

ATORES – Está tudo por fazer

Caminho e caminhada

Partir, sempre partir

Exista ou não estrada.

Aonde for a luz da lua

Também nós podemos ir!

Enquanto os atores cantam, Leona e Mirinho movimentam com ruído e irritação suas cadeiras, primeiro virando-as de frente para o público, depois de frente um para o outro. Levantam-se das cadeiras e, após um momento de indecisão irritada, Leona vai até Mirinho.

LEONA – Eu nem devia ter vindo!

MIRINHO – Então, por que veio?

LEONA – Porque está tocando a última música e não queria ficar sentada feito tonta, sem par.

MIRINHO – Não sei dançar e não estou com vontade de aprender.

LEONA – Por favor, seu grosso, levanta! (Mirinho levanta emburrado. Começam a dançar, ambos de mau humor) também não precisa fazer essa cara! Eu também não estou satisfeita.

Mirinho pára de dançar.

MIRINHO – É fácil resolver isso!

LEONA – Não se atreva a me abandonar no meio da dança! (recomeçam a dançar) Desculpa. Acontece que está tudo errado. Você não devia ter falado aquilo.

MIRINHO – Eu também acho.

LEONA – É que somos amigos e entre amigos não dá certo. E, depois, não é nada pessoal, mas eu nunca pensei em namorar você... Não dá liga, não dá química...

MIRINHO – Não vamos falar mais disso, não... Vamos só dançar, tá?

Dançam em silêncio. Atores cantam.

ATORES – Soltar as velas

Pra aprender a navegar

Deixar o porto

Pra saber aonde chegar

Aonde for a luz da lua

Também lá podemos estar.

Os atores continuam a dançar. Alice e Zedu, dançando com outros parceiros cruzam-se e param de dançar. Olham-se.

ALICE – Foi você que escreveu as cartas?

ZEDU – Não, mas senti aquilo tudo. E ainda sinto.

Os dois começam a dançar. Os parceiros que sobraram formam um novo par.

LEONA – Vou sentir saudades. Foram os melhores anos da minha vida! (Mirinho apenas a olha) Não vai dizer nada? Está me olhando assim por quê? Eu não queria terminar brigado com você... A gente sempre foi amigo... (Narra ao público) E foi aí: uma pedra, uma fâisca de luz brilhou no fundo do abismo escuro dos olhos dele e me chamou com a voz morna de quem segura e abraça. Eu disse: "Não, não quero!", mas meus dedos já se fechavam em pressão suave sobre os ombros dele.

MIRINHO – Eu disse quero, aceito, abrigo!, enquanto um tremor bem-vindo varria minha pele, tirava meu ar e começava a abrir meu riso e meu medo.

LEONA – Eu ainda tentei manter o governo de mim. E parei a dança e me afastei dois passos. E fui rude e brusca e repeti "Não! Não é você que eu quero!", mas o coração corria descontrolado como criança num parque.

MIRINHO – Ela voltou e me olhou como quem me vê pela primeira vez.

LEONA – Eu só tinha olhos para a pedra, a fâisca de luz que brilhava no abismo escuro dos olhos dele. E ri por dentro e ri por fora. Eu era inteira riso.

Beijam-se continuando a dançar.

ATORES – Soltar, fazer-se ao mar

Nafragar se for destino

Mas amar, fazer-se amar

Tempestades, sol a pino

Onde brilhar a luz da lua

Meu barco há de chegar.

Professor olha para os formandos que dançam e pára a projeção.

PROFESSOR – Meu nome é Dédalus como o arquiteto da lenda. Arquiteto também sou, só que a minha arquitetura é o desconhecido, é o obscuro amanhã que trabalho por construir, na sala de aula, com esses meninos. O saber é matéria frágil num mundo que privilegia a força. Mas insisto por teimosia e vocação. Como o arquiteto da lenda eu também faço e ensino a fazer frágeis asas coladas com cera, pois acredito que é melhor o risco do vôo do que a prisão. Essas três lembranças minhas voam em direção ao sol com suas frágeis

Essas três lembranças minhas voam em direção ao sol com suas frágeis asas, e o vôo nunca vai acabar. Eles nunca vão alcançar o sol, e o sol nunca vai derreter a cera de suas asas. Nenhum deles vai cair como Ícaro. Eu não acredito em Deus, mas essa é a minha oração.